

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
ACERCA DE UMA PROVÁVEL ORIGEM DA LINGUAGEM:
ENTRE O BIOLÓGICO E O SOCIAL**

Airton Santos de Souza Junior (UFAC)
airton.airtonsantos.santos09@gmail.com

RESUMO

Tomando como eixo norteador as discussões que visam elucidar e explicar uma possível natureza/origem da linguagem humana, o presente estudo tem por objetivo demonstrar que tal explicação dificilmente se encontrará numa abordagem isolada, seja inatista ou social, mas que talvez a explicação sobre o fenômeno da linguagem resida numa síntese dialética entre as perspectivas correspondentes a uma faculdade biológica inata à espécie humana, e a questão da sociabilidade que perpassa e constitui o próprio homem a tal ponto de se conceber que ele é, sobretudo, um ser social. Nesse sentido, Toma-se como fundamentação teórica as contribuições de Melvin Lawrence Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1985), José Luiz Fiorin (2013), José Fernando Fontonari (2009), Bruna Franchetto e Yonne Leite (2004), Eric Richard Kandel et al (2014), Heronides Moura e Tayse Feliciano Marques (2011), François Rastier (2009) Edward Sapir (1971) e Ferdinand de Saussure (2010). Assim, os resultados da pesquisa mostraram possível perceber a linguagem de certo modo concentrada tanto numa provável origem biológica, quanto social, pois se por um lado existem evidências históricas que apontam para uma provável faculdade biológica da linguagem, por outro lado às evidências também apontam para um aspecto social da linguagem ao considerarem a possibilidade da linguagem ter sido criada juntamente com outras formas de convenção, além da discussão de que o processo de aquisição da linguagem se efetiva por meio de uma análise feita pela criança da linguagem de seus pais e do meio que a cerca.

Palavras-chave: Origem. Linguagem. Linguística. Origem da linguagem.

1. Introdução

As perguntas para as quais ainda não se obteve uma resposta plenamente aceitável e que não desperte uma série de questionamentos sempre inquietaram o ser humano. Questionamentos sobre a origem da vida e o que há depois da morte fazem parte das discussões que historicamente inquietam a humanidade. Embora em 1866 a *Société Linguistique de Paris* tenha excluído de suas comunicações as questões acerca da origem da linguagem pontuando em seu artigo 2º dos estatutos que “A sociedade não admite nenhuma comunicação referente à origem da linguagem ou à criação de uma língua universal”. Da segunda metade do século XX em diante, devido à emergência de novas áreas (como a linguística gerativa,

cognitiva, psicolinguística e neurolinguística), os debates sobre uma possível origem da linguagem têm recebido maior relevo.

Nesse sentido, semelhantemente aos questionamentos que historicamente acompanham a humanidade, acerca da origem da vida e o que há depois da morte, também o pensar a respeito de uma possível origem da linguagem humana desperta igual curiosidade e inquietação tendo em vista que o fenômeno da linguagem trata-se de uma das mais formidáveis e mesmo complexas habilidades que o homem possui, sendo por meio dela que, segundo George Gusdorf (1976), o homem atesta sua soberania diante dos demais seres, tornando-se assim senhor do mundo.

Nessa lógica é importante que se destaque, ainda, que a linguagem movimenta diversos elementos que não se encontram restritos exclusivamente a aspectos linguísticos, visto que a linguagem pertence ao mesmo tempo ao domínio físico, psíquico e fisiológico (SAUSSURE, 1916). É possível compreendermos, portanto que a tessitura de discussões em torno de uma possível origem da linguagem torna-se uma tarefa bastante complexa e ao mesmo tempo desafiadora, pois não basta que se encaminhem o debate unicamente a partir de uma determinada área do saber, mas, faz-se necessário ultrapassar as fronteiras que demarcam as especialidades do conhecimento.

Desse modo, parece pertinente que neste caso se parta de uma perspectiva inter e mesmo multidisciplinar permitindo assim o diálogo entre os mais variados campos do conhecimento; indo desde a linguística, perpassando pela biologia, neurociência, filosofia e sociologia, visto que “a surpreendente façanha da linguagem é muito complexa para ser compreendida com ferramentas de uma única especialidade acadêmica ou médica”. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1194)

Assim, buscaremos, portanto neste estudo demonstrar que uma provável explicação para natureza da linguagem dificilmente se encontrará numa abordagem teórica isolada, seja inatista ou social, mas que talvez uma possível explicação acerca da origem da linguagem resida numa síntese dialética entre as perspectivas correspondentes a uma faculdade biológica inata à espécie humana, e a questão da sociabilidade que perpassa e constitui o próprio homem a tal ponto de se conceber que ele é, sobretudo, um ser social. Desse modo, toma-se como aporte teórico a direcionar o debate aqui proposto às contribuições de Melvin Lawrence Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1985), José Luiz Fiorin (2013), José Fernando Fontonari (2009), Bruna Franchetto e Yonne Leite (2004), Eric Richard

Kandel *et al* (2014), Heronides Moura e Tayse Feliciano Marques (2011), François Rastier (2009) Edward Sapir (1971) e Ferdinand de Saussure (2010).

Dessa forma, por meio das contribuições tanto de uma perspectiva teórica inatista (gerativismo chomskyano) quanto convencionalista (estruturalismo saussuriano) da linguagem, verificaremos se mostra-se possível pensarmos numa provável gênese da linguagem humana, e se a compreensão acerca da origem de um processo tão complexo e enigmático, como o fenômeno da linguagem, pode ser construída e explicada a partir de uma dessas abordagens isoladamente, ou se para isso mais promissora seria a construção de uma síntese dialética que promova uma interface entre as abordagens inatistas e convencionalistas da linguagem.

2. *Linguagem: um breve recorte*

Antes de adentrar no espaço das correntes teóricas que buscam formular explicações para o incrível fenômeno da linguagem, primeiramente faz-se necessário a realização de um recorte acerca do tipo de linguagem a que estamos nos referindo, tendo em vista que por linguagem de maneira consideravelmente ampla podemos entender todas as formas de comunicação, abrangendo assim categorias verbais e não verbais, humanas e não humanas.

Todavia, e convergindo com o que nos interessa neste estudo, a concepção de linguagem aqui adotada é compreendida, a partir de Mário Eduardo Martelotta (2012), como a habilidade humana de se comunicar por meio de uma língua. Assim, de maneira semelhante também para José Luiz Fiorin (2013) a linguagem consiste na capacidade humana de se comunicar através de signos, e diferentemente de outras ferramentas culturais, como a pintura, a matemática, ou a física, que precisam ser aprendidas, a linguagem é uma capacidade já programada no homem, isto é, o homem nasce programado para a linguagem; perspectiva esta que como podemos observar alude perfeitamente o pensamento inatista chomskyano.

Nesse sentido, e estabelecendo um diálogo com George Gusdorf (1976) José Luiz Fiorin aponta que é justamente o fenômeno da linguagem o marco central que diferi o humano do animal, e nesse ponto não podemos confundir a comunicação observada entre os animais com linguagem, pois embora se reconheçam em algumas espécies a presença de

um sistema de comunicação, as abelhas, por exemplo, informam a localização do pólen por meio de uma “dança”, entretanto há um consenso entre os teóricos de que tais sistemas em nada se confundem com a complexidade que reside no fenômeno da linguagem.

Desse modo, na tentativa de melhor ilustrar os componentes que diferem a linguagem dos demais sistemas de comunicação animal, Gabriel de Ávila Othero (2017) nos mostra que a linguagem basicamente caracteriza-se por três elementos fundamentais: atemporalidade, criatividade e recursividade. À atemporalidade é uma característica das línguas que nos permite falar não apenas a partir de um recorte temporal específico e limitado, mas sobre acontecimentos passados, que ainda estão por vir (futuro) e que estão acontecendo durante o ato de fala; característica esta não observada em nenhum outro meio de comunicação animal.

Já a criatividade linguística, por sua vez, é a qualidade das línguas que nos permite construirmos sentenças nunca antes ouvidas ou produzidas, possibilitando dessa maneira que o código linguístico não esteja restrito a uma única informação, a qual não possa ser alterada. Por fim, a recursividade nos permite construir a partir de um número finito de elementos infinitas possibilidades de comunicar/expressar, isto é, consiste no processo de estabelecer conexões subordinativas entre as orações e demais elementos que constituem uma língua.

Essas três características que configuram a linguagem não se mostram presentes em nenhum outro sistema de comunicação animal, o que nos permite entender a linguagem como uma capacidade única da espécie humana. Capacidade essa que nos permite irmos além da comunicação e troca de informações com o outro, que nos permite relatar fatos sobre acontecimentos que já ocorreram, presentes, ou que ainda estão por vir, que nos permite criar e produzir novas e infinitas sentenças linguísticas a partir de um conjunto finito de elementos. De maneira geral podemos então concordar com George Gusdorf (1976) de que é pela linguagem, e somente por ela, que frente aos demais seres, nos tornamos de fato senhores do mundo.

2.1. Refletindo sobre a origem da linguagem: uma perspectiva biológica e evolutiva

Para que possamos entender a origem da linguagem, e os mecanismos e fenômenos que culminaram com o modo majoritário como nos

comunicamos hoje, isto é, por meio de línguas, torna-se necessário talvez entendermos primeiro a origem do próprio homem. Diferentemente de quando se pensa na origem da vida como uma categoria muito mais ampla e não restrita ao humano, e que abarca todo sistema que pode ser dito como vivo, em que a este pensar se ancoram as famosas perguntas “de onde viemos e para onde vamos”, quando pensamos na origem do *homo sapiens* observamos, por sua vez, que a ciência já conseguiu de certo modo desvendar a trajetória de nossos ancestrais saindo da África e colonizando todo planeta.

Nesse sentido, na tentativa de mapear o processo de evolução da comunicação humana Melvin Lawrence Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1985) trazem uma explicação para a origem e evolução da linguagem em paralelo com a evolução humana, delimitando cinco etapas/eras históricas que marcam um processo de 70 milhões de anos de evolução: era dos símbolos e sinais, era da fala e da linguagem, era da escrita, era da impressão, era da comunicação de massa.

Neste estudo não serão abordadas todas as eras históricas apresentadas pelos autores, mas apenas trataremos da era de símbolos e sinais chegando ao início da era da fala e da linguagem que é o que eminentemente nos interessa. Antes de abordarmos essas duas etapas, retomemos primeiramente um breve recorte temporal acerca do processo evolutivo que culminou com o homem que conhecemos hoje.

De acordo com Melvin Lawrence Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1985) registros fósseis acumulados por paleantropólogos durante mais de um século revelam que a humanidade resultou de um processo evolutivo que data de aproximadamente 70 milhões de anos. No início desse processo estudos realizados por investigadores relatam a identificação de uma criatura pequena denominada de *Proconsul*, que viveu no período dos dinossauros, como nosso mais remoto ancestral. E foi a partir dele, segundo os registros, que então a ordem dos mamíferos acabou evoluindo.

Segundo os autores, várias formas de primatas evoluíram durante sucessivas e longínquas eras, sendo a maioria bem pequena, vivendo nas árvores. Após várias eras uma nova espécie do tamanho aproximado de um gato doméstico começa a adaptar-se a viver no chão, assim como na floresta, e embora não fosse à única espécie capaz de mover-se no solo tinha a seu favor uma importante e fundamental característica: a relação de seu cérebro com as demais partes do seu corpo era significativamente

superior à da maioria dos outros seres. Em consonância a isso, grosso modo esse tipo de capacidade cerebral relacionada com o processo de aprendizagem, segundo apontam Melvin Lawrence Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1985), seria, portanto, um fator crítico no processo de evolução dos seres humanos.

Em algum período entre 14 e 15 milhões de anos atrás, segundo os autores, um animal semelhante a um chimpanzé, denominado de *Ramapithecus* vivia no que chamamos atualmente de África e Europa, e embora não se saiba ao certo (devido a controvérsias entre especialistas) a aparência e comportamento de tal animal, alguns estudiosos apontam que ele possa ter sido o primeiro membro da família hominidae, isto é, de criaturas com aparência humana.

Posteriormente a tal criatura, um animal denominado de *Australopithecus africanus*, que viveu entre 5,5 milhões de anos atrás, cujos restos foram encontrados, de acordo com os autores, na região da África, é aceito, sem muita controvérsia, como o primeiro primata que pode realmente ser classificado como a primeira criatura de aparência humana.

Em sequência, num período de cerca de 2,5 milhões de anos atrás aparece o *homo habilis*, que diferentemente dos seus antecessores possuía uma característica extremamente importante: começara a fabricar ferramentas. E em aproximadamente um milhão de anos depois seguiu-se o que historicamente denominamos de domínio do fogo. Esta evolução é um marco fundamentalmente importante, pois segundo os autores podemos interpretá-la como sendo o primeiro passo rumo ao desenvolvimento de uma cultura humana.

Mais tarde, cerca de um milhão de anos atrás, de acordo com Melvin Lawrence Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1985), a cadeia ancestral que se encontrava em evolução se dividiu em duas linhas, originando o *homo sapiens neanderthalensis*, caracterizados como corpulentos e musculosos, possuidores de dentes grandes e cérebros relativamente volumosos. Duraram aproximadamente até cerca de 35 mil anos atrás.

A segunda linha, por sua vez, se desenvolve com os então denominados de *Homo sapiens, sapiens* que aparecem entre as regiões do Oriente Médio e Europa entre aproximadamente 90.000 e 40.000 anos atrás, caracterizados justamente por serem “virtualmente idênticos na aparência e capacidade cerebral aos seres humanos de hoje [...] eram o produto final de um processo evolutivo de 70 milhões de anos.” (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1985, p. 21).

2.2. Era dos símbolos e sinais

Na perspectiva de Melvin Lawrence Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1985) nesta era as mais antigas espécies de *hominidae*, anteriores aos primeiros fabricantes de ferramentas, se comunicavam de modo similar aos animais que conhecemos hoje, por meio de ruídos e movimentos corpóreos que constituíam símbolos e sinais entendidos entre o grupo. Segundo os autores

Nossos remotos ancestrais não usavam linguagens faladas exigindo formação de singelas combinações de sons. O que parece mais plausível, dos exíguos indícios de que dispomos, é que as primeiras formas humanas se comunicavam através de um número limitado de sons que eram fisicamente capazes de produzir, tais como rosnados, roncões e guinchos, além de linguagem corporal, provavelmente incluindo gestos com mãos ou braços, e movimentos e posturas de maior amplitude. (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1985, p. 26)

A inexistência nessa era de uma linguagem articulada tal qual a conhecemos hoje, ocorre de acordo com os autores, pois, dentre outros fatores, aquelas primitivas criaturas de aparência humana compartilhavam alguns traços anatômicos com outros primatas. Sua laringe, por exemplo, era virtualmente idêntica a do chimpanzé e outros primatas conhecidos contemporaneamente. Estudos mais recentes revelaram que a localização da laringe e da caixa de ressonância não permitia a esses “primitivos” alcançarem a extensão de fones necessários para a fala humana; o que nos permite entender que eles não falavam, dentre outras possibilidades, por serem fisicamente incapazes de assim fazer.

É importante observarmos, ainda, que essa incapacidade física para a fala não se restringe unicamente à inexistência de um aparelho fonador, mas também, e, sobretudo ao fato de o cérebro dos primeiros *hominidae* não se encontrar plenamente desenvolvido, de maneira que lhes possibilitava única e exclusivamente uma comunicação rudimentar em termos de linguagem como conhecemos hoje. Pensando nisso, e nos questionando, portanto se há uma relação entre a evolução do cérebro/inteligência e o surgimento da linguagem, algumas especulações começam a aparecer.

Sobre esse ponto, e adentrando no início da era da fala e da linguagem, Melvin Lawrence Defleur e Sandra Ball-Rokeach (1985) apontam algo bem interessante:

Mais importante, o Cro-magnon tinha uma estrutura craniana, assim como da língua e da laringe, exatamente como a nossa, hoje em dia. Evidentemente, tinham capacidade para falar e parece escassa a dúvida de o haverem feito.

Assim a fala e a linguagem parecem ter se originado algures entre 35 e 40 mil anos atrás, entre pessoas que fisicamente se pareciam com os seres humanos de hoje. (DEFLEUR; BALL-ROKEACH, 1985, p. 30)

Diferentemente da era dos sinais, na era da linguagem os autores pontuam que o que difere este *hominidae* (*Cro-magnon*) do anterior, em termos fisiológicos, diz respeito a uma alteração em sua estrutura craniana, assim como da língua e laringe, de modo que essas características se apresentavam exatamente da forma como a fisiologia humana é atualmente.

Partindo disso, temos então duas possibilidades as quais dialogam com algumas das abordagens que temos para entender a natureza da linguagem. Em primeira instância a linguagem pode ter sido construída pelos *Cro-magnon* na era da linguagem se entendermos que na medida em que seus cérebros e inteligência foram se desenvolvendo, desenvolvimento este acompanhado por significativo crescimento no processo de construção de ferramentas, na elaboração de expressivas pinturas nas rochas, que segundo Anne-Marie Christin (1995) precedem a origem da escrita alfabética, também como parte desse desenvolvimento a linguagem pode ter sido criada juntamente com esses outros processos de convenção, e ao passo que os grupos começam a se organizar e formar sociedades a própria linguagem também se ramifica em diversas línguas.

Essa compreensão da linguagem como convenção social manifesta nas línguas se faz presente nos estudos de pesquisadores como Ferdinand de Saussure (1916) e Edward Sapir (1971). Por outro lado, partindo de uma ótica evolutiva, não podemos desconsiderar o fato de a linguagem ter surgido paralelamente a um processo de evolução do cérebro e da fisiologia como um todo do *Cro-magnon* da era da linguagem. Posto isso, essa consideração abre margem para a segunda possibilidade que também converge com os estudos de pesquisadores como Noam Chomsky que irá associar o surgimento da linguagem não a um processo de convenção, mas a uma faculdade biológica própria da espécie humana.

Se nos atentarmos de forma isolada para as duas possibilidades aqui expostas, a natureza da linguagem como construto social ou como faculdade biológica, logo perceberemos que ambas não conseguem explicar em sua totalidade a origem do complexo fenômeno da linguagem. Basta pensarmos que se por um lado a linguagem é uma instituição/convenção social separada de estruturas biológicas, como podemos então explicar o fato de que determinadas lesões, provocadas por traumatismo craniano ou doenças degenerativas como *Alzheimer*, no hemisfério

esquerdo do cérebro poderem acarretar prejuízos/dificuldades no processamento da linguagem?

Por outro lado, podemos pensar também que se a linguagem é unicamente uma faculdade biológica e que assim como a habilidade de andar que já vem programada no homem (salvo algumas exceções por conta de deformidades) e independentemente do local e cultura, a uma certa idade todos os homens andam; como podemos então explicar o fato de que pessoas, quando, privadas do convívio social não desenvolverem a habilidade da fala articulada, ainda, que possuam intactas todas as habilidades e competências biológicas para a produção da linguagem?

E embora a perspectiva Noam Chomsky ana aponte que para que a faculdade inata da linguagem seja ativada é preciso que a criança seja exposta a uma experiência linguística, e que essa exposição atinge áreas modulares da linguagem, entendendo que existe um módulo separado para a morfologia, a sintaxe e etc, contudo, os estudos neurocientíficos mostram que embora o hemisfério esquerdo do cérebro, onde se encontra a área de broca, aparentemente seja responsável pelo processamento da linguagem, todavia no uso da linguagem ele não atua sozinho, mas em interação com o hemisfério direito, posto isso, como encarar então a tese de que áreas da linguagem se encontrariam separadas e acionadas separadamente?

Ao que parece são questionamentos que apenas uma forma de se pensar numa possível origem para a linguagem, seja ela no social ou biológico, não dão conta de responder em sua totalidade. De maneira que parece necessária à discussão uma abordagem com um enfoque inter e mesmo multidisciplinar, visto que como já se destacou o fenômeno da linguagem envolve fatores que não se encontram restritos e possíveis de serem explicados unicamente por meio de uma especialidade acadêmica isolada. Considerando isso voltemo-nos agora para o que a Neurociência, apoiada em estudos de outros campos como a própria Linguística, tem a nos dizer acerca da gênese da linguagem e mesmo do processo de aquisição desse fenômeno.

2.3. A perspectiva neurocientífica da linguagem

“A linguagem é unicamente humana, e é possivelmente, a maior habilidade e a maior conquista dos seres humanos”. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1179). É justamente por meio da afirmativa de que a linguagem

é uma capacidade unicamente restrita à espécie humana que os autores citados iniciam as discussões acerca do fenômeno da linguagem a partir da ótica neurocientífica.

De acordo com os estudiosos, apesar da alta complexidade da linguagem, todas as crianças em desenvolvimento típico a dominam por volta dos 3 anos de idade. No que diz respeito ao processo de aquisição da linguagem, o que nos permitiria de certo modo entender como que a linguagem se origina, na segunda metade do século XX os debates em torno do processo de aquisição da linguagem pelas crianças encontravam-se dispersos entre duas fortes perspectivas, uma de base comportamentalista centrada nas contribuições do psicólogo behaviorista Burrhus Frederic Skinner, e outra de base inatista centrada nos estudos de Noam Chomsky.

Para Burrhus Frederic Skinner a criança adquire a linguagem por meio de um aprendizado construído através de estímulos e respostas, assim as crianças, nessa perspectiva, aprenderiam a linguagem por meio da resposta aos estímulos lançados pelos adultos, culminando num processo de repetição da fala adulta e articulada. Entretanto, há que se notar que essa perspectiva abre margem para alguns questionamentos, pois se a linguagem é originada através de um processo de aprendizado e repetição como então explicar o fato de que crianças por volta dos 3 anos de idade, quando já dominam a linguagem, produzirem sentenças nunca antes ouvidas e pronunciadas no meio em que se encontram?

Pensando nessa questão, Noam Chomsky vai de encontro à Burrhus Frederic Skinner defendendo que o aprendizado por reforço na verdade pouco tem a ver com a capacidade do ser humano em adquirir uma linguagem. Em vez disso, todo indivíduo possui uma faculdade de linguagem que lhe é inata, que inclui por sua vez, uma gramática universal, e a exposição da criança a uma determinada língua dispara um processo de seleção para essa língua.

Segundo Patricia Katherine Kuhl e Antonio Rosa Damasio (2014) estudos recentes sobre o processo de aquisição da linguagem apontam que tal processo difere significativamente da abordagem comportamentalista, com base na modelagem e no reforço, proposta por Burrhus Frederic Skinner, assim como revelam algumas divergências com relação a uma abordagem inatista como a de Noam Chomsky, aonde a língua que a criança recém-nascida escuta dispara uma escolha entre opções inatas.

Tendo em vista que essas duas abordagens, comportamentalista e

inatista, mas, sobretudo, a comportamentalista, não se mostram na perspectiva dos autores inteiramente suficientes para que possamos compreender como se efetiva a origem e mesmo aquisição do fenômeno da linguagem, Patricia Katherine Kuhl e Antonio Rosa Damasio apontam que, diferentemente da abordagem de Burrhus Frederic Skinner e Noam Chomsky, bem antes das crianças começarem a produzir suas primeiras palavras elas primeiramente aprendem os padrões de sons das unidades fonéticas, as palavras e também a estrutura de frases da língua que escutam, de modo que “Ouvir a língua altera o encéfalo do bebê precocemente no desenvolvimento, e o aprendizado de uma língua no início da vida afeta o encéfalo de forma permanente”. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1180)

De acordo com os autores é o conjunto finito de fonemas que podem ser combinados em infinitas possibilidades à característica chave que distingue a linguagem de outras formas de comunicação. Cada idioma possui regras concernentes à combinação dos fonemas em morfemas e palavras. Na língua portuguesa, por exemplo, os fonemas /r/ e /l/ representam sons distintos, o que significa que modificam o significado/sentido de uma palavra, como no caso de lua e rua, no entanto, na língua japonesa essa alternância entre os fonemas /l/ e /r/ não altera o significado de uma palavra visto que tais fonemas são utilizados indistintamente.

Posto isso, e pensando no processo de aquisição da linguagem há que se considerar o fato de que muitas línguas utilizam de fonemas idênticos, mas os combinam de forma diferente, o que por sua vez, exige e revela que “as crianças precisam descobrir como os sons são agrupados em sua língua para diferenciá-los de maneira significativa”. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1180)

Segundo os autores, independentemente da cultura, todas as crianças inicialmente exibem padrões universais de percepção e produção da fala.

Ao final do primeiro ano, os bebês já aprenderam, pela exposição a um idioma específico, quais unidades fonéticas transmitem significado naquele idioma, e reconhecem palavras prováveis, embora ainda não as entendam. Aos 12 meses de idade, as crianças compreendem cerca de 50 palavras e já começaram a produzir uma fala que se parece com o idioma nativo. Aos 3 anos, as crianças conhecem cerca mil palavras (o adulto 70 mil), criam frases longas como os adultos e podem manter uma conversação. (KUHL & DAMASIO, 2014, p. 1181)

No início da década de 1970 o psicólogo Peter Eimas revelou que os bebês são notavelmente bons em escutar mudanças acústicas, e são capazes, ainda, de distinguir unidades fonéticas dos idiomas existentes no mundo. O psicólogo observou que as crianças recém-nascidas podiam discernir sutis mudanças sonoras nas fronteiras entre categorias fonéticas, e mais, podiam fazê-lo para idiomas que nunca haviam experimentado. Esse processo, segundo Patricia Katherine Kuhl e Antonio Rosa Damasio (2014), foi chamado de percepção categórica.

Este achado nos permite uma importante reflexão acerca do processo de aquisição da linguagem que até certo ponto mantém a perspectiva chomskyana de que a linguagem é uma faculdade biológica específica da espécie humana, mas por outro lado, difere de Noam Chomsky ao pensar a aquisição da linguagem não como um processo de escolha entre opções inatas provenientes de uma gramática universal, mas sim como oriunda de uma habilidade auditiva preexistente cuja “capacidade do bebê em escutar todas as diferenças possíveis na fala os prepara para aprender qualquer língua”. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1182)

Nesse sentido, os autores apontam que existe uma espécie de período crítico de percepção da fala, sendo que aproximadamente até aos 4 meses de idade os bebês possuem a capacidade de discriminar contrastes fonéticos entre todas as línguas, ao passo que um pouco antes do início das primeiras palavras que ocorre por volta dos 12 meses a capacidades dos bebês em discernir unidades fonéticas não nativas diminui rapidamente. Desse modo, conforme Patricia Katherine Kuhl e Antonio Rosa Damasio (2014), ao final do primeiro ano as crianças já não discriminam mudanças fonéticas que reconheciam bem seis meses antes, à medida que, ao mesmo tempo, tornam-se sensivelmente mais aptas a reconhecer diferenças fonéticas da língua nativa.

Segundo os autores muito antes de os bebês entenderem que as coisas e eventos que constituem o mundo possuem nomes, eles primeiramente memorizam os padrões globais de fonemas típicos de sua língua. Mesmo no útero, apontam os estudiosos, as crianças aprendem escutando a prosódia da fala produzida por suas mães. “Certos sons são transmitidos pela condução óssea ao útero, sendo normalmente sons intensos (acima de 80 dB) e de baixa frequência (particularmente abaixo de 300 Hz, mas até 1000 Hz com alguma atenuação)”. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1184)

Dessa maneira, percebe-se então que os padrões prosódicos da fa-

la, como o timbre da voz, a acentuação e entonação, característicos de uma língua e um falante em particular são transmitidos ao feto. E ao nascerem às crianças mostram um aprendizado que depende dessas informações prosódicas, e apresentam preferências por “ouvir a língua falada por sua mãe durante a gravidez, a voz de sua mãe em vez da voz de outras mulheres, histórias, com um tempo e ritmo determinados, lidas pela mãe durante as 10 semanas de gravidez”. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1184)

Nesse sentido, podemos, portanto, concluir que:

Essas formas de aprendizagem claramente não envolvem o reforço de Skinner. Os adultos que convivem com as crianças não administram contingências, nem usam estratégias de reforço para gradualmente, moldarem as análises realizadas pelas crianças. Por outro lado, o aprendizado da língua pelos bebês também não parece refletir um processo em que opções fornecidas de modo inato são escolhidas com base na experiência de linguagem. Na realidade, as crianças aprendem a língua por meio de uma análise detalhada e sofisticada da linguagem que escutam, uma análise capaz de revelar padrões de variação na língua natural. O aprendizado desse padrão, por sua vez, altera a percepção para favorecer a língua nativa. (KUHL; DAMASIO, 2014, p. 1184)

3. Considerações finais

A partir das discussões e questionamentos suscitados neste artigo espera-se ter demonstrado que a compreensão para uma possível origem do fenômeno da linguagem dificilmente se encontrará numa única abordagem teórica isoladamente, seja ela biológica ou social, mas levando em consideração que no processamento da linguagem são vários os elementos que se fazem presentes, pensamos que um olhar que vislumbre todas essas facetas (e não apenas uma) se mostrará muito mais promissor no que concerne à tarefa de elucidar questionamentos acerca da natureza da linguagem.

Se considerarmos que existem regiões do cérebro humano como a área de broca, localizada no hemisfério esquerdo do cérebro, que podem ser responsáveis pelo funcionamento da linguagem, e que uma lesão provocada nessa área pode acarretar deficiências no uso e compreensão de uma linguagem articulada, e que o processo de aquisição da linguagem ocorre por meio de uma análise refinada da linguagem que as crianças escutam dos pais e do círculo social que as cerca, podemos, portanto pensar a natureza da linguagem de certo modo fincada tanto numa perspectiva biológica quanto social.

As evidências históricas apontam para a ideia de que a linguagem

possa ter surgido em paralelo com a evolução e desenvolvimento do cérebro e fisiologia humana como um todo, bem como as descobertas sobre o gene FOXP2 denominado por alguns como gene da linguagem, além das afasias que são, de uma maneira bem simples, distúrbios de linguagem. Há contribuições para manter a tese de que a linguagem tem uma possível origem biológica; por outro lado, também podemos pensar que o debate, defendendo o processo de aquisição da linguagem na criança, ocorre por meio de uma análise detalhada da linguagem que escutam, corrobora a tese de que a linguagem pode ser originária de um processo de interação que muito antes do social se inicia no próprio útero entre a mãe e a criança.

Partindo dessas duas questões podemos então nos questionar, qual das duas perspectivas é a correta? Se nos esforçarmos para responder a partir dos pares certo/errado certamente não chegaremos a uma conclusão satisfatória, pois ambas as abordagens se levadas ao extremo se mostram promissoras de um lado, mas abrem possibilidades para questionamentos de outro, de maneira que uma possível resposta que abarque um maior diâmetro talvez possa ser encontrada se partirmos de uma ótica inter e mesmo multidisciplinar que mobilize e interligue os pontos aonde se convergem e se complementam as teorias que formulam explicações para o vasto e complexo fenômeno da linguagem. Até agora o que as teorias nos permitem apontar é que a linguagem ao mesmo tempo se concentra numa esfera tanto biológica quanto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHRISTIN, Anne-Marie. *L'ímage écrite: ou la déraison graphique*. Paris: Flammarión, 1995.
- DEFLEUR, Melvin Lawrence; BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Paulista, 1985.
- FRANCHETTO, Bruna; LEITE, Yonne. *Origens da linguagem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FRANÇOIS RASTIER, França. *Tem a linguagem uma origem?* Trad.: Daisy Guttmann e Regina Campo Salgado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 43, n. 1, 2009.
- FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. In: _____. (Org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013, p. 13-43.

FONTONARI, José Fernando. Reflexões sobre a origem e evolução da linguagem. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 45, p. 247-258, 2009.

GUSDORF, George. *A fala*. Trad.: João Morais-Barbosa. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

KUHL, Patricia Katherine; DAMASIO, Antonio Rosa. A linguagem. In: KANDEL, Eric Richard *et al. Princípios de neurociências*. Trad.: Ana Lúcia Severo Rodrigues *et al.* 5. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014, p. 1179-1195.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

MOURA, Heronides; MARQUES, Tayse Feliciano. A linguagem como produto da história: as teorias de Vico e Rousseau. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, vol. 12, n. 2, p. 01-14, 2011.

SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. Trad.: J. Mattoso Camara Jr. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2010.

OTHERO, Gabriel de Ávila. *Mitos de linguagem*. São Paulo: Parábola, 2017.